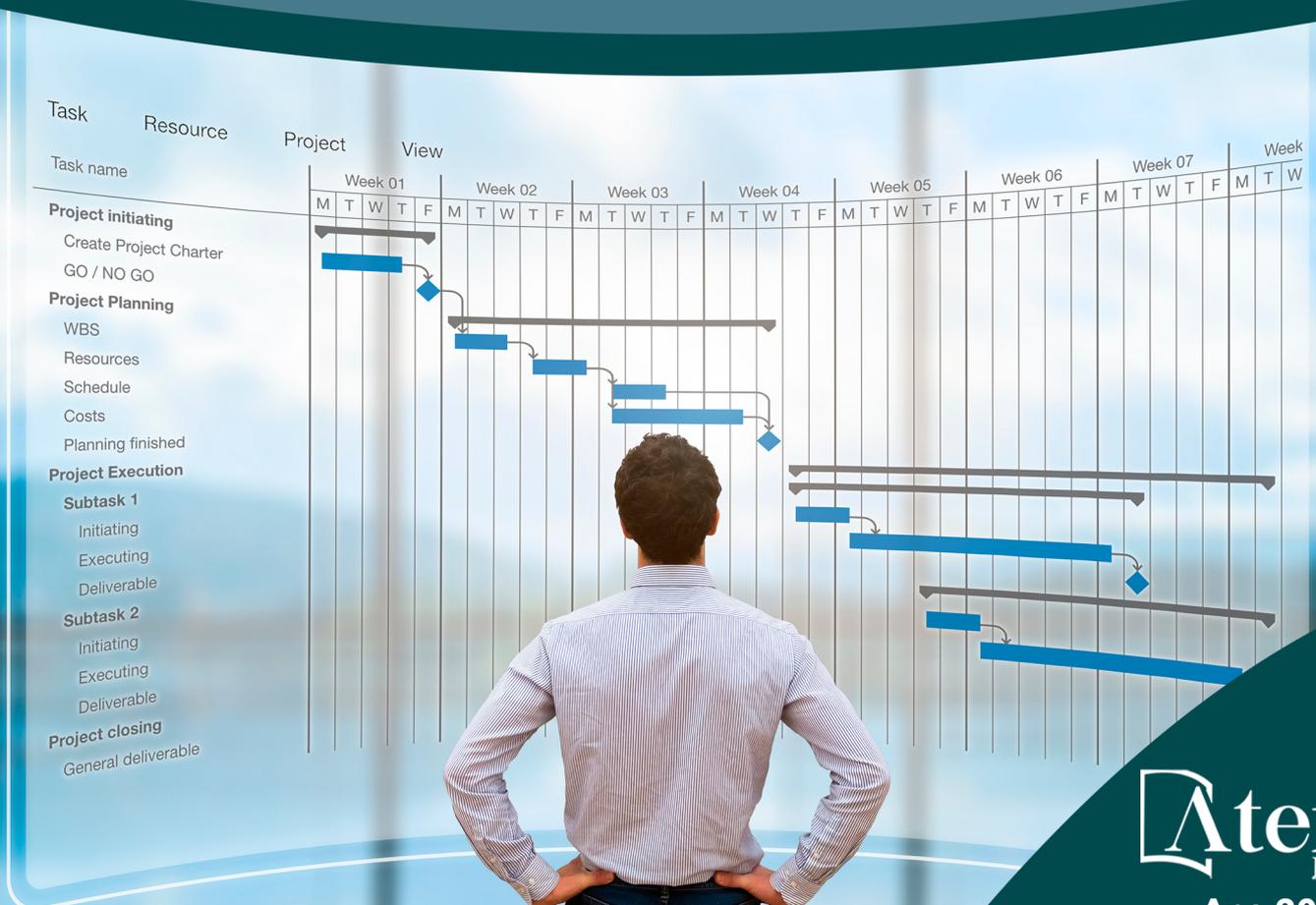


Grayce Kelly Bianconi
João Dallamuta
(Organizadores)

Inovação, Gestão Estratégica e Controladoria nas Organizações 3



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

158 Inovação, gestão estratégica e controladoria nas organizações 3
[recurso eletrônico] / Organizadores Grayce Kelly Bianconi, João
Dallamuta. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-52-2
 DOI 10.22533/at.ed.522201703

1. Controladoria. 2. Planejamento estratégico. I. Bianconi, Grayce Kelly. II. Dallamuta, João.

CDD 658.151

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra é composta por pesquisas realizadas por professores e alunos na área de gestão, todas elas selecionadas e ordenadas pelas suas contribuições genuínas e relevantes dentro dos temas propostos.

A visão ampla do gestor, além dos temas diretamente associados a seus negócios é fundamental para a sobrevivência neste ambiente mutante. Esperamos que a leitura dos trabalhos selecionados nesta obra gere reflexões e novas ideias nos leitores, razão de ser de nosso trabalho.

Os organizadores gostariam de agradecer aos autores e editores pelo espírito de parceria e confiança.

Boa leitura!

Grayce Kelly Bianconi

João Dallamuta

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: DESAFIOS PARA ATUAIS E FUTUROS GESTORES	
Uriel Abe Contardi	
Bruno Brunelli	
Grayce Kelly Bianconi	
João Dallamuta	
DOI 10.22533/at.ed.5222017031	
CAPÍTULO 2	14
A GESTÃO DE PROCESSOS EM UMA EMPRESA DO RAMO ÓPTICO: UM ESTUDO DE CASO NUM LABORATÓRIO DE LENTES DO OESTE DE SANTA CATARINA	
Cleunice Zanella	
DOI 10.22533/at.ed.5222017032	
CAPÍTULO 3	27
INTELIGÊNCIA EM REDE: A MELHORIA DO PROCESSO DECISÓRIO A PARTIR DA ATUAÇÃO EM REDE	
Ricardo de Assis Teixeira	
Danitza Passamai Rojas Buvinich	
DOI 10.22533/at.ed.5222017033	
CAPÍTULO 4	44
PERFIL E POTENCIAL EMPREENDEDOR DE ALUNOS INGRESSANTES DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL	
Fabiano Palhares Galão	
Marcia Cristina Alves	
Maria Gabriela Menezes	
Rubem Gabriel M. da Costa	
João Dallamuta	
DOI 10.22533/at.ed.5222017034	
CAPÍTULO 5	58
O RELATO DE CERTEAU: QUE FERRAMENTA É ESSA?	
Adriana Bastos Da Costa	
Franciely Chropacz	
Rafael Carvalho Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5222017035	
CAPÍTULO 6	65
A RELAÇÃO ENTRE INOVAÇÃO FRUGAL E SUSTENTABILIDADE: REVISÃO DE LITERATURA NA PERSPECTIVA DO TRIPLE BOTTOM LINE	
Andriele Pinto de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.5222017036	
CAPÍTULO 7	79
ASPECTOS INTRÍNSECOS A SEREM CONSIDERADOS NO RELATÓRIO FINAL DE AUDITORIA INDEPENDENTE DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL HISTÓRICA	
Romeu Schvarz Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.5222017037	

CAPÍTULO 8	94
LA URGENCIA DE PERSPECTIVAS PLURALES EN LOS ESTUDIOS SOCIALES Y ORGANIZACIONALES	
Edgar Varela Barrios	
Ernesto José Piedrahita	
DOI 10.22533/at.ed.5222017038	
CAPÍTULO 9	107
A BARREIRA ENTRE GAYS E MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DE HOMENS GAYS NO SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES	
Diogo Barros Azevedo	
Luiz Eduardo Pereira Batista	
Luiz Bruno de Bom da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.5222017039	
CAPÍTULO 10	121
O TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO COMO PRÁTICA DE GESTÃO NO BRASIL A PARTIR DA ANÁLISE DO CONTEXTO REGULATÓRIO	
Herena Neves Maues Correa de Melo	
Reginaldo da Motta Correa de Melo Junior	
Luciana Rodrigues Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.52220170310	
CAPÍTULO 11	137
ORGANIZACIONES, PODER Y CULTURAS POSMODERNAS	
Edgar Varela Barrios	
Ernesto José Piedrahita	
DOI 10.22533/at.ed.52220170311	
SOBRE OS ORGANIZADORES	153
ÍNDICE REMISSIVO	154

ORGANIZACIONES, PODER Y CULTURAS POSMODERNAS

Data de aceite: 11/03/2020

Edgar Varela Barrios

Ph.D en Administración. Profesor Titular. Rector
Universidad del Valle

Ernesto José Piedrahita

Mg. En Administración. Investigador. Universidad
del Valle.

Correo electrónico. piedra.ernesto@gmail.com
Teléfono móvil +573012803666

RESUMEN: Un análisis del campo organizacional desde distintos focos filosóficos entre los cuales aparecen, el pragmatismo, el vitalismo, el posestructuralismo, buscando desentrañar las lógicas con las cuales han operado las organizaciones en el pasado y operan en el presente. Elementos como el poder, su aplicación managerialista y el mundo del trabajo también son abordados a la luz de una conceptualización que combina el aporte de pensadores y filósofos de distintas épocas con los hallazgos y desarrollos concebidos y difundidos por grandes teóricos de las llamadas ciencias de la organización.

PALABRAS-CLAVE: Poder, management, organizaciones, posmodernidad

Las tecnologías y dispositivos y procesos del poder managerial y organizacional constituyen un amplio foco de investigación, teniendo como referente pivotal a M. Foucault (1977), quien construyó una arqueología y genealogía del poder desde la perspectiva de las relaciones humanas, a través del análisis de las prácticas.

Foucault, sin hacer una discusión estrictamente analítica y filosófica del poder, no cayó tampoco en la lógica positivista científica de que el poder es solo un objeto mensurable. Que se puede medir y validar estadísticamente para comprenderlo positivamente. Sino que construyó desde sus aportes postmodernos un camino antropológico-arqueológico, no estrictamente filosófico, que correspondía también, aunque no exclusivamente, a la documentación, e investigación social, historiográfica y hermenéutica. Además, a través de la etnografía, la que no siempre será la etnografía en el sentido estrictamente antropológico, sino usando el método de análisis documental etnográfico, incluyendo las propias construcciones reglamentarias discursivas, los testimonios de época, etc., lo que podríamos

llamar una etnografía articulada a la antropología cultural.

En trabajos posteriores a Foucault como los que hicieron Deleuze y Guattari (1972) y otros autores, estos filósofos se diferenciaron fuertemente en sus métodos, frente a la vieja filosofía analítica, discursiva y autocentrada. Pensadores como Rorty (1985) recuperaron la impronta de los filósofos del final del medioevo y comienzos de la edad moderna. Es decir, actuando como pensadores humanistas que investigaban los sistemas de prácticas y las técnicas científicas de su época. Por ejemplo, Descartes era físico. Pierce, a su vez, era un teórico de la lingüística y fundador de la semiótica, en tanto que W. James era psicólogo y trabajó temas de observación y conducta social y organizacional. Del mismo modo, ocurrió con J. Dewey. Filósofos contemporáneos de la postmodernidad han reivindicado los valores centrales de la filosofía en el sentido griego de la palabra. Han roto la positivación ritual de la filosofía como una suerte de supraciencia analítica. Nietzsche o Heidegger, igualmente reflexionaron sobre las prácticas humanas y sus formas de representación. Y si no tuviesen esa capacidad de comprender las ciencias humanas, las ciencias sociales

y los discursos científicos no hubieran construido filosofía fecunda. Hablando en términos de comprensión del poder organizacional y managerial, la positivación del discurso sobre el poder, si bien es cierto lo ayuda a comprender, es insuficiente¹. Atando el pragmatismo con el foucaultianismo y la discusión que los teóricos postmodernos han cambiado, lo que hila esta reflexión es el reconocimiento de los sistemas de prácticas de Arendt, la acción humana o la recuperación y la puesta en escena como instrumento analítico de una forma mucho más fuerte y diversa de lo que es poiesis, no solamente explicando desde la metáfora biológica como la de los sistemas autorregulados, como lo expresó la cibernética de mitad del siglo pasado, sino desde la poiesis como una pulsión humana en unas sociedades en donde cada vez más la gente tiene la posibilidad de ser productora, creativa e innovadora.

El presente trabajo recoge diversos “puntos de entrada” a los análisis del poder managerial, para lo cual se tienen en cuenta teorías y epistemes del pragmatismo, el vitalismo y el racionalismo, y de algunos de los más representativos analistas de los

1 El esfuerzo de la escuela del Public Choice de simplificar e instrumentalizar el poder, basados en el liberalismo político esencial, puede observarse en el libro de Anthony Downs sobre burocracia en el que hay una clara muestra de este camino y de su insuficiencia, si se considera que los burócratas son sujetos egoístas, entonces se colocan reglas conductistas de premio y castigo, y a partir de allí se determina cómo mejorar el comportamiento organizacional de las burocracias con incentivos o castigos. Esto es puro conductismo transmutado desde un discurso sofisticado, que incluso se puede sistematizar, como ejemplo de ello, en muchas investigaciones sobre corrupción que están en esa lógica. Suponer el egoísmo humano como el dato desde el cual se parte, es algo más moral y valorativo que científico, aun cuando después, sobre eso, se haga toda la ciencia que se desee.

temas organizacionales vinculados con los análisis del poder.

1 | EL PRAGMATISMO Y EL VITALISMO SE RECONFIGURAN EN LA POSTMODERNIDAD

Nos interesa abordar la relación del pragmatismo con el foucaultianismo en la discusión sobre los sistemas de prácticas. Citando a Arendt, la acción humana, la recuperación y la puesta en escena como instrumento analítico de la poiesis, no solamente explicándola desde la metáfora biológica como sistemas autorregulados, cfr en la cibernética de mitad del siglo pasado, sino desde la poiesis como pulsión humana en unas sociedades en donde cada vez más la gente tiene la posibilidad de ser productora, creativa e innovadora. El ser humano como *homo faber* u *homo sapiens* ha configurado un mundo de imágenes, religiones; un mundo cosmológico, del cual la última producción postmoderna es la virtualidad. En esta transición e hibridación de epistemes existe la posibilidad de que las máquinas se vuelvan inteligentes y puedan ser apropiadoras, lectoras del mundo cultural producido por el hombre. También esta transición, durante el modernismo, caracterizó el proyecto civilizatorio e hizo posible una dinámica de interacción humana devenida en la diferenciación entre naturaleza y cultura.

En general, se tiende hoy hacia una convergencia del vitalismo y el pragmatismo, corrientes que en el siglo XIX se veían muy distantes. La tesis que etiquetaba a James (1955), Peirce (1883) y otros autores del siglo XIX como Dewey (1884) como idealistas, ha sido inadecuada. Los pragmatistas no son idealistas; los pragmatistas neokantianos consideran las prácticas humanas como esquema central para la verdad y el discurso. Pero dichas prácticas no son vistas desde una perspectiva de utilidad, a diferencia de los utilitaristas franceses del principio del siglo XIX. Son vistas desde el punto de vista de la concreción humana en praxis societales de distinto tipo. Deleuze, Foucault y otros autores postmodernos de la segunda mitad del siglo pasado resignificaron las prácticas, propulsando una corriente anticartesiana, opuesta a la fundamentación de conceptos y categorías universales construidas sin relación alguna con la experiencia humana. El vitalismo de estirpe nietzscheana no toma la idea de igualdad, de pluralismo, salvo en términos de diversidad, no como pluralismo político (propio al liberalismo). Se podría decir que detrás de ello hay una concepción de naturaleza humana, una ontología que aparece oculta por la epistemología. Hacemos una discusión centrada en el ámbito cognitivo, en el proceso de racionalización, y ese tipo de discusión nos oculta la ontología. Es el conocer que encubre al ser. Se pretende que el ser se entienda por la vía del conocer.

Resulta conveniente en este punto del análisis recordar como Deleuze interpretó la realidad desde el punto de vista del sentido y el significado compartido (Isla, 2015). Es, además, un asunto que Rorty y los neo-pragmáticos han reivindicado. Se puede

conectar la transformación del viejo pragmatismo, bajo la forma de neo- pragmatismo, con el vitalismo. Es clave obtener una dimensión cultural de las prácticas para reconocer las trasmutaciones sociales del hombre natural². Para Hardt y Negri (2000), el vitalismo de hoy se enfoca hacia la libertad humana como una forma renovada de comprender positivamente el biopoder. Lo han postulado con firmeza, rompiendo con una tradición que establece diferencias frente a los primeros teóricos vitalistas del final del siglo XIX, incluyendo a Nietzsche y a Pareto. Diferenciaban con claridad a las élites y a la masa. El atributo de la pulsión vital se lo otorgaban a las élites. En contraste, por las características de las transformaciones sociales, el *revival* del vitalismo estaba arraigado en la “multitud”.

Para Virno, Negri, Hardt, la multitud no incluye a los capitalistas, empresarios y clases medias. En el modelo de ellos, la multitud correspondería a la población dominada; aquella que, aunque tiene una función mucho más activa y dinámica, sigue definiéndose por las estructuras de dominio. Es necesario recusar los criterios de exclusión. Las nociones de *Commonwealth*, Comunidad, son cercanas a lo que Espósito (2002) denominó comunidad y que emergía como una suerte de mediación resolutive entre las estructuras políticas y la sociedad. El error metodológico de excluir a los dominadores de la multitud radica en que no se puede explicar todo tipo de flujos y dinámicas, sino consideramos que todos estamos en la multitud. Los pensadores de este concepto, influidos por un marxismo militante, reconocían la matriz hegeliana de distinción entre Estado y sociedad civil; la cual sustenta la concepción marxista del socialismo radical del último siglo y medio. También en ella se sustentan las teorías de las clases sociales y la separación entre los ámbitos político y económico. Virno construye, desde el neo marxismo, la gramática de la multitud -al igual que Agamben y Espósito- con sus reinterpretaciones de la bio política, radicalizando la idea de que este emergente vitalismo corresponde a comunidades políticas y no solamente a las élites tradicionales; idea que todavía no estaba expresamente planteada en Deleuze y Guattari (1980). Virno asumió que la creación humana no necesariamente supone la producción económica. Alternativamente, Deleuze tuvo una profunda influencia marxista en su juventud, que se reflejó en pasajes del *Antiedipo*, como su referencia a los sistemas de producción macro, con tópicos derivados de la llamada economía política.

En este punto se deben reconocer los avances y aportes de numerosos

² Arendt (1958) nos recuerda que Locke distingue *labor and work* en un esquema basado en Aristóteles. Los seres humanos como seres vivientes tienen la doble condición de ser, simultáneamente, *homo laborans* y *homo faber*. Esta es solo una vertiente, en tanto que por el *homo laborans* se entendería la enunciación de la actividad como acción respecto de la potencia. El trabajo sería un cierto tipo de actividad productiva que supone la capacidad de reproducir las condiciones de vida del ser social (John Locke). Se vive como *homo laborans* pero solo se pueden reproducir las condiciones de la vida cuando se trabaja. Y trabajar significa producir económicamente o producir socialmente, y no se trataría de una función - citando a Luhmann- solo autorreferencial (*labor*), sino heterorreferencial (*work*). La función de heterorreferencia es la del *homo faber*. Una función estrictamente autorreferencial sería la función de ley.

pensadores posmodernos que fueron más allá de la noción de Marx, de la producción vista solo y primordialmente como valorización económica; de la producción humana reconocida solo en la dimensión limitada del trabajo productivo frente al trabajo improductivo. En otra perspectiva, desde una mirada postmoderna, se fundamentó la capacidad de la creación humana -de individuos, grupos, organizaciones y totalidades sociales macro-, en términos más amplios que la noción de producción. En la actualidad se ha sobrepasado la distinción entre el saber decidir y el saber hacer, característica del primer capitalismo tayloriano. Esta dicotomía hoy ya no tiene sentido en relación con el papel del manager en las organizaciones. El concepto de multitud de Negri y Hardt constituye, por lo tanto, una pista importante en la formulación según la cual, desde finales del siglo XX, el vitalismo - usando un término anacrónico- se ha plebeyizado. Virno habla del hombre-pueblo, concepto que en cierta manera reconfigura e invierte los argumentos de Ortega y Gasset y de la primera literatura vitalista del final del siglo XIX y comienzos del XX. Las sociedades contemporáneas han re-fundado el vitalismo y lo han plebeyizado. Deleuze y Guattari leyeron tendencias que se han consolidado en las décadas siguientes. Ellos pensaron en la postmodernidad desde la teoría crítica y desde una filosofía que tomó como referentes problemas concretos de la sociedad. Pero no solo trabajaron sobre la noción de sociedad, también abordaron la cosmología, que llamaron geo-filosofía. Allí aparecen elementos no centrados sobre el sujeto, como la territorialidad y los rizomas. No se trata de una antropología filosófica cuyo centro de reflexión es el hombre. Su discusión sobre las mesetas o estratos, contiene referencias al mundo, pero sin separar el mundo natural del mundo social.

La movilidad nos brinda una posibilidad rizomática -para citar la metáfora- raizal. Hasta hace cincuenta años quien migraba “quemaba las naves”: se iba y no volvía. Hoy la movilidad es muy grande y la brindan los medios y la cultura. No solo es una movilidad económica, se presenta en muchos campos. Por otro lado, con la noción de máquinas deseantes³ se formuló una integralidad cósmica de lo natural, lo tecnológico y lo social. Las máquinas se basan, ontológicamente, en códigos que se encuentran tramados, almacenados en ellas. Este código no es solo inseparable de su registro y de su transmisión en las diferentes regiones del cuerpo, sino también del registro de cada una de las regiones en sus relaciones con las otras (Deleuze y Guattari, 1980; 1985). De allí derivan los encadenamientos entre las partes, las regiones, los cuerpos y los propios seres humanos.

La perspectiva ontológica, de corte maquínico humano deseante, les permitió a Deleuze y Guattari interpretar los flujos, las dinámicas, los movimientos, las transiciones de las sociedades y de los cuerpos en estrecha sintonía con los ámbitos

³ El discurso postmoderno tomó como base unareferenciación expresa de las llamadas “máquinas deseantes” y del hombre-máquina. Este tema tiene una importante discusión que bien vale la pena referirla, tomando como eje las correlaciones entre el poder humano y las maquinas inteligentes. Deleuze y Guattari lo abordaron extensamente en sus dos opus magnum, El “Antiedipo” y

natural y tecnológico. Esto implicaba la capacidad de las máquinas humanas de hacer cortes, rupturas, producir discontinuidades, enlazadas con lógicas relacionales, a la vez homogéneas y diferenciadoras. Lo deseante fue leído por estos filósofos franceses como una relación funcional inherente entre el deseo y la producción; como “realidad psíquica”. Recordemos que el concepto de máquina deseante de Deleuze y Guattari es vitalismo puro y duro. Comentaristas significativos de su obra reivindican la cercanía expresa y confesa de estos autores con el pragmatismo americano, y en especial con el pensamiento de James y Peirce. De otro lado, una nueva generación de intelectuales, en el campo de la epistemología, han reivindicado el pragmatismo.

Una pista importante de Deleuze y Guattari emerge cuando hablan de la división del trabajo; pero hoy no se podría adjudicar, en su dimensión económica, solo las dialécticas de des-territorialización y re-territorialización. La conectividad cultural, lúdica, cognitiva que tenemos con el internet, con las redes virtuales, nos cambia de territorio sin desplazarnos. En nuestro imaginario, el arraigo al territorio actual no es igual al que se tuvo en el pasado. Al estar instalados en nuestro tiempo nos cuesta pensar en las realidades de otros tiempos. El territorio nuestro no es el territorio de la geopolítica clásica. Bajo el modelo anterior tayloriano, las organizaciones estaban configuradas sobre una espacialidad, un territorio, una planta física. Incluso, en el esquema foucaultiano, la fábrica se parece a una cárcel, a un lugar de encierro clásico. En contraste, las organizaciones actuales aparecen con una fuerte desterritorialización, con un mayor grado de virtualidad-temporalidad y una menor sujeción a las fronteras de la espacialidad.

Según Deleuze y Guattari, el agenciamiento expresa, mediante políticas públicas, los cursos de acción, su trayectoria, impacto y lógica, pero no como una representación, sino como prácticas o dinámicas de acción, pulsiones. Una pulsión no existe en potencia, una pulsión se ejerce: solo en el ejercicio es pulsión. Allí se manifiesta una ruptura con la lógica aristotélica de potencia y acto. El agenciamiento representa una unidad mínima o básica, pues, explícita las relaciones entre los diversos colectivos humanos; pone en juego las tramas de interdependencia entre las poblaciones con sus multiplicidades, afectos, intensidades y territorios. Sin embargo, para Deleuze y Guattari siempre el agenciamiento sería, ante todo, territorial. Se trataba de pensar una geografía de las multiplicidades como condición para el movimiento y para que se pueda generar el devenir de la historia. Deleuze y Guattari (1985) dejaron tópicos claves, pistas, que solo hasta hace pocos años empezaron a ser discutidas por teóricos del *Management* y de la teoría organizacional. Redescubrir sus concepciones sobre espacialidad, territorialidad, rizoma, máquinas y máquinas deseantes, permite reactualizar en el *Management* la literatura de frontera. Se convierte en un registro innovador desde la filosofía política contemporánea sobre la sociedad, las organizaciones, en una perspectiva posmoderna.

La obra de estos autores también fue influyente sobre la dinámica de la desterritorialización. Inicialmente, propusieron el modelo rizomático como un modelo

anti jerárquico, esbozando una estructura con múltiples raíces y permitiendo la participación y la multiplicidad de sus partes. Este modelo no está limitado por el tiempo y el espacio sino por nodos que nacen, mueren, se conectan entre sí y van evolucionando. ¿Cuándo formulan la crítica del rizoma arbóreo tratan de describir cómo se construye o cómo se conforma la sociedad que se está desarrollando? El ser humano está atravesado, segmentado, por múltiples instituciones. La contraposición del modelo arbóreo se centra en el pensamiento binario tradicional. La estructura arbórea se manifiesta en la memoria larga, mientras que la rizomática se manifiesta en la corta, que son ideas concisas, discontinuas, de ruptura, múltiples y sometidas a la ley de la continuidad. La micropolítica de segmentación plantea que estamos segmentados por todas partes; todo lo vivido espacial y socialmente está segmentarizado circular, lineal y binariamente.

Lo binario se puede referir a las clases sociales, hombre-mujer, adulto-niño; lo circular, a la relación de los asuntos de un individuo con los asuntos de la familia, de la ciudad, el país, el continente, el mundo. Por su parte, lo lineal, quiere decir que una vez vamos terminando procesos, empezamos con otros. Estamos segmentados en estas tres dimensiones. El Estado también ejerce una propia segmentaridad y la impone; de modo que la vida moderna no ha llegado a suprimir la segmentaridad, si no que la ha afianzado. Antes de la existencia del Estado ya existía la segmentación, por ejemplo, en las comunidades primitivas. La segmentaridad es connatural a las estructuras del racionamiento social y se relaciona con la espacialidad y el territorio. Existe, entonces, una segmentaridad primitiva y otra moderna, rígida, molar, con instancias bien definidas, arraigadas a las instituciones. Dichas instituciones van a depender de máquinas no diversas, no solamente dualistas, sino dicotómicas que funcionan diacrónicamente y van a complementar la segmentaridad flexible, primigenia (molecular). Todo ello produce flujos, nuevas composiciones que no coinciden necesariamente con el segmento, sino que construyen devenires. Lo molecular a diferencia de lo molar hace referencia a las intensidades, donde ya no hay relaciones de velocidad o lentitud.

La especie humana está sumergida en un inmenso movimiento de desterritorialización; sus territorios originales se rompen ininterrumpidamente con la división social del trabajo, con la acción de dioses universales y con la relación de sistemas maquínicos. La desterritorialización se considera un movimiento por el cual se abandona un territorio a través de la operación de las líneas de fuga y, gracias a ello, se presenta una reterritorialización, es decir, un movimiento hacia la nueva construcción del territorio. Deleuze y Guattari nos dan pistas acerca de la crítica del racionalismo dominante en el *Management* y en la teoría organizacional, con respecto a la teoría del actor presente en Merton, en Parsons, en la corriente sociológica estructural funcionalista. Resulta absolutamente articulador el pensamiento de Simon y la escuela del *Management* estratégico. Tal teoría propone un actor que es coherente, que actúa de manera integral desde la lógica de su racionalidad, y en el cual existen relaciones causa- efecto, por ejemplo, en la discusión entre decisión y acción. Es

claro el orden: primero se decide, luego se actúa. Hay una coherencia entre el decidir y actuar relacionada con fines y medios. La concepción de Guattari y Deleuze rompe radicalmente con el racionalismo de tipo cartesiano.

La metáfora rizomática es muy importante; significa una crítica al positivismo tecno-científico. En vez de quedarse en las evidencias, en los datos -en la información que nos brinda el árbol-, se debe escudriñar en su base; en la raíz que le da sustento. En la actualidad los territorios son radicalmente diferentes (incluso la propia noción de soberanía resulta anacrónica; pues, la gubernamentalidad como tecnología del poder para el control de la población ya no tiene el efecto que describía Foucault hace tres décadas). Filósofos contemporáneos como Agamben, Sloterdijk, el propio Deleuze, Guattari, Foucault, no son clásicos en el sentido estricto de la palabra; no realizan una filosofía que pretende ser omnicomprensiva, como era la primera filosofía hasta el siglo XVIII, ni hacen una filosofía en campos que podrían llamarse residuales.

2 | VITALISMO, SISTEMAS DE VERDAD Y MANAGEMENT

Un ejemplo de cómo se exagera el vitalismo en la modernidad con los CEO, es cómo hoy en día el gran flujo del discurso que la gente busca escuchar, o que se promueven para administrar, no es el discurso del gerente. Hoy en día no se invita al CEO de una gran empresa a una conferencia, representante de la competitividad, del vitalismo, de los valores de espíritu y a la vez biológicos, para que expongan a los administradores. Eso sustenta de una manera muy gráfica la presencia del vitalismo en el *management*. Es fecundo que Foucault, en vez de hacer una discusión estrictamente analítica y filosófica del poder, no cae tampoco en la lógica positivista científica de que el poder es un objeto mensurable, que se puede medir y validar estadísticamente para comprender positivamente, sino que construye una suerte de otro camino antropológico- arqueológico, no estrictamente filosófico, pero que, desde la documentación, hace investigación social como historiador, yendo a archivos y documentos haciendo hermenéutica.

Las teorías foucaultianas del poder no son esquemas arbitrarios *ad hoc*, pues la propuesta de sociedad disciplinaria es una suerte de síntesis de estudios detallados de Foucault sobre los sistemas de práctica, mirándolos en términos de sus transformaciones históricas, sin tener una metateoría detrás que permita construir y alumbrar con facilidad desde un modelo científico positivo. Este es un tema que es muy importante comprender a través de etnografía, que no siempre será la etnografía en el sentido estrictamente antropológico, sino de lo documental etnográfico de distinto tipo, incluyendo las propias construcciones reglamentarias discursivas, los testimonios de época, etc., lo que podríamos llamar más como una etnografía articulada a antropología cultural. La pregunta sería arqueológico- etnográfica, en el sentido de discursos e ideologías: ¿los saberes, discursos y dispositivos ideológicos y representacionales de hoy de dónde vienen?Cuál es el decurso de esto que llamamos

Management; arqueológicamente visto como historia de las ideas, y también como análisis retrospectivo de las prácticas, representaciones, discursos.

En la actualidad, las tecnologías del poder, instrumentalizadas desde las ciencias de la administración, contribuyen de manera significativa a expandir el poder de los altos mandos directivos y las cúpulas del poder organizado. La postmodernidad y el hiper industrialismo capitalistas han permitido una mayor capacidad de control y regulación del poder corporativo. Igualmente, han propiciado diversas y complejas formas de asociación de éste con los poderes públicos en marcos cada vez más globales y transnacionales. Sin embargo, el actual y refinado discurso managerial ignora, tanto el cambio de época como la concentración y centralización, incluyendo los medios hiper tecnológicos virtuales y digitales, propios de nuestra época.

Resulta interesante subrayar la manera como Foucault apreciaba la verdad en función de los sistemas de prácticas. El papel de las prácticas humanas es esencial para configurar -como él lo hizo- las genealogías y entender el rol del *Management* en las sociedades contemporáneas. Foucault formuló las tecnologías de poder y al poder lo pensó como tecnología. Este autor recusaba la idea de construir meta discursos sobre el poder del tipo “teorías del Estado” o teorías políticas clásicas contemporáneas, tales como el contractualismo o el institucionalismo. Consideraba clave, incluso desde los siglos XIV y XV (orígenes de la sociedad moderna), ver al poder como tecnologías, como dispositivos de dominación. Estas ideas son, al mismo tiempo, discursos sobre la verdad y la legitimidad; es decir, discursos articulados a procesos cognitivos y a los sistemas de prácticas humanas. Sobre este terreno surge la lógica disciplinaria, discursiva, tecno científica.

Hay una suerte de cierre en el ciclo de un paradigma unificado; el cual ya no es de carácter racional, racional instrumental, ni racional limitado. No es el paradigma del *Management* dominante de carácter estratégico, sino la antípoda de ese mismo paradigma, en la medida en que se reconocen las prácticas, la discursividad sobre esquemas vitales de biopolítica y biopoder, y el ejercicio de dichas dimensiones. Pareto, Gaetano Mosca, Michells, y el resto de estos teóricos de principios del siglo XX y de finales del XIX, podrían ser elitistas, porque según el discurso elitista una minoría dirige y las masas obedecen. Este era el panorama, el retrato de la enorme diferenciación social que existía entre dirigentes y dirigidos, managers y trabajadores, entre el liderazgo público y las comunidades, en una época donde las diferenciaciones sociales eran muy grandes y la noción de democracia de participación y de comunidad política postmoderna, aún no eran pensables.

Por su parte, el vitalismo contemporáneo es un vitalismo repolitizado. Virno señala que el escenario más político es la fábrica. Por los lenguajes del empoderamiento social, la participación no solamente debe ser vista con base en esquemas *top down*, sino como esquemas de carácter transversal. Las sociedades en red, las sociedades comunicadas, la interacción, la idea del *prosumer* (el productor que es a la vez consumidor) son situaciones inéditas. No son utopías, sino prácticas humanas

de las sociedades globales postmodernas. Emerge la reinstalación de un vitalismo que integra al pragmatismo; se trata, curiosamente, de una corriente importante en la filosofía política y social contemporánea, pero que no existe en el *Management*. Vistos críticamente, los elementos morales, filosóficos y críticos son insuficientes o inadecuados. La filosofía política siempre tiene un sustrato de la filosofía moral, la cual consiste en la discusión filosófica (no científica) acerca de qué es lo bueno, lo malo, lo deseable, lo indeseable; a qué se adhiere y a qué se rechaza. Se trata de centrarnos en los sistemas de valores que tenemos los individuos y las sociedades. Aquellos no son reductibles a ningún tipo de lógica racional-científica. Desde el siglo XIX se fundaron las ciencias positivas, con la sociología de August Comte, con Durkheim al final del siglo XIX y con el desarrollo de la economía como ciencia-técnica. Todas estas ciencias sociales se separaron de la filosofía y la recusaron con el argumento según el cual esta disciplina es una suerte de discurso especulativo y general que no ofrece explicaciones de tipo científico.

3 | LA RACIONALIDAD MANAGERIAL, PUESTA EN CUESTION

La idea del conocimiento absolutamente predecible, proyectable y anticipatorio fue dejada de lado en las ciencias sociales, aunque ha influido muchísimo en el *Management*⁴. El relativismo radicalizado se convertiría en agnosticismo, como versión *light* del nihilismo que recusa radicalmente los sistemas de verdad y solo asume una indiferencia moral de fondo respecto de qué es y qué no es verdadero. Esta discusión acerca de lo verdadero, nos conduce al tercer campo, dominante hoy en las ciencias sociales y en el *Management*, que se denomina de dos maneras: constructivismo y convencionalismo.

¿Cómo se construyen los sistemas de verdad y de referenciación lógicos desde este campo? Se los configura generalmente a partir de convenciones de carácter deductivo o *ad hoc*, los cuales permiten determinar las características de un discurso, sus componentes y la relación con la forma como la interacción de estos discursos construye sistemas representacionales (el lenguaje binario, el matemático decimal y la sintaxis lingüística, son ejemplo de ellos). El convencionalismo no opera solo en las ciencias, opera en el mundo de la vida y en las representaciones discursivas, las imágenes y figuras que permiten comprender el color de las señales de tránsito son un convencionalismo social. El constructivismo es la forma sofisticada del convencionalismo, opera como meta teoría y como meta discursividad científica, es el éxito del constructivismo.

El papel subalterno que hoy tiene el relativismo y la anulación del nihilismo corresponden al predominio de la tecnociencia. La vertiente expresada en el mundo

⁴ Por ejemplo, en la racionalidad limitada de Simon y en buena parte de los teóricos influidos por Pareto (vía la difusión de Lawrence Henderson).

organizacional y social se concreta ahora en el llamado posthumanismo; un discurso de exacerbación de la tecnología y predominio de la tecnologización, como modos de vida del ser humano postmoderno. No somos conscientes de lo que somos, de hasta qué punto estamos inmersos en la cyborización. El relativismo, como paradigma, se afirmó en el siglo pasado a partir de la revolución epistemológica que introdujo la física de partículas, la teoría de Heisenberg sobre incertidumbre, la teoría subatómica, la teoría de la relatividad de Einstein y la teoría del quantum. Emergió, al principio del siglo pasado, en las ciencias exactas y naturales, por ejemplo, en la geometría distinta a la de Euclides, en las geometrías que conciben universos y espacios curvos, la geometría de Euclides es el equivalente en el mundo geométrico a la concepción espacio temporal de Newton. El elemento sofisticado que impregna a las ciencias naturales y exactas llega a las ciencias sociales y a los paradigmas científicos. La ciencia de la primera mitad del siglo XX creía que una parte de ella daba verdades universales indiscutibles e inamovibles.

El siglo XX dio paso al relativismo epistemológico. Hoy en las ciencias el paradigma relativista es absolutamente dominante. La ciencia del siglo XIX está enterrada. No es que no haya racionalidad instrumental, ciencia o tecno ciencia, sino que estos dos campos no tienen el monopolio de la “verdad” desde las teorías científicas y desde los discursos sobre la legitimación de la verdad. Lo que hay en los discursos de la ciencia son relatos, meta relatos, narrativas. No se encuentra una diferencia de fondo entre una novela y un texto científico. Varios teóricos de la física mostraron, por ejemplo, que el comportamiento de las partículas subatómicas es aleatorio, no rigidez en el marco de lo subatómico fundamentado desde la microfísica contemporánea (teoría fractal y otros tipos de discursos relacionados con la microfísica). Los críticos de este discurso van a plantearse que lo que existe hoy son relatos, narrativas o discursos que no son explicativos de la “realidad” o del mundo objetivo.

El post modernismo rompe el predominio de la ciencia técnica como paradigma unificado. Allí, se encuentra, en el pragmatismo del siglo XIX y XX, una fuente fecunda de contradicciones de cartesianismo, y a la vez, seminalmente, algo que sembrado en el *management* ha permitido su emergencia y hegemonía, a pesar de ser un corpus que disciplinariamente no tiene los mismos niveles de calidad, complejidad, erudición y sofisticación de otras ciencias. Si se compara la sociología con las ciencias de la gestión, desde el punto de vista de su complejidad discursiva no hay mucho que hacer, es una comparación inadecuada, es otro tipo de discurso articulado más a los sistemas de prácticas y menos a los procesos meramente articulados a la comprensión. Si se pretende la comprensión en el *management*, un empresario o político exitoso no requiere el ejercicio de auto comprensión, o esta es situacional, no teórica; la comprensión teórica es de los académicos y no de los sistemas de prácticas. En cada una de estas posturas se reinterpretan los postulados de Weber, y allí hay una nueva episteme que viene a ser ahora la burocracia que viene a darse tras el ideal organizacional de autoridad como los procesos de institucionalización, es decir, como

unos nuevos cambios de visión que reinterpretan y que vienen a estar en la burocracia desde otras formas.

Allí hay un problema epistémico complejo cuando los paradigmas de las ciencias positivas emergieron en los siglos XIX y XX. En cierta manera, nosotros somos víctimas de ello, porque el encasillamiento disciplinar, en las ciencias sociales y humanas, ha hecho crisis. O incluso en muchos otros campos a la hora de la verdad, cuando quiere resolver problemas los hacen equipos transdisciplinarios y no manteniendo las estructuras epistémicas y los sistemas de verdad de cada disciplina. Como James Thompson lo había definido: los campos de dominio del management están articulados a la propia fuerza y dinámica de los conglomerados organizacionales, que no dependen de los derechos de propiedad, sino que pueden colocarse como esquemas complementarios y octogonales, circuitos que se encierran y articulan dinámicamente con el otro. El capitalismo de hoy está atravesado por la biotecnología, por la manipulación orgánica y las transformaciones en el campo de lo “bio” que implican nuevas productividades y reproducciones del capitalismo cosmopolita. El determinismo tecnológico considera que, en las interacciones entre seres humanos, la mayor o menor libertad de acción, dependerá de la sofisticación de los recursos tecnológicos. En este sentido, se puede hablar, en el campo del Management y en la teoría de las organizaciones, de la complejidad organizacional, retomando a Durkheim (1987) quien diferenció las organizaciones simples con relaciones bastante libres y abiertas (primitivas) de las organizaciones complejas en las cuales el juego de la tecnología⁵ estaría en función de las estructuras del poder. Se debe decir que el racionalismo modernista no brinda respuesta frente a la transformación epistemológica que acontece, aún no la hemos logrado capturar.

Existe, en este sentido, una gran distancia entre el modelo organicista del *Management* clásico y el modelo de poder organizacional y político contemporáneo. El primero era, en síntesis, un modelo cartesiano hombre-máquina, un modelo bastante mecánico que sustentaba la concepción del equilibrio y las dinámicas simples y mecánicas de lo organizacional. El segundo es mucho más proteico, digital. Buena parte de las promesas de la racionalidad limitada han sido convertidas en inteligencia artificial, en posthumanismo, en el viejo paradigma planteado por Pareto: la diferencia entre lo humano y lo no-humano⁶. En cierta manera los textos de Simon y de la escuela del *Management* estratégico fueron desencadenantes de la inteligencia artificial para resolver problemas relacionados con asuntos epistemológicos y cognitivos, para anticipar, normalizar y protocolar, así se pudo concebir que se puede resolver la incertidumbre a partir de la configuración de protocolos.

⁵ Por tecnología no se entienden solamente los instrumentos o artefactos, puesto que las estructuras administrativas, las formas organizaciones y de gestión, son también tecnologías de organización. Además, las estructuras del poder, como las describidas por Foucault (2004a), como consecuencia de la bio-política, y del bio-poder (saber, verdad, poder) están en función de la tecnología. No de manera gratuita Foucault inauguró la discusión sobre las tecnologías de poder y las tecnologías de poder para la gobernanza.

Muchas de las tecnologías de dominación no son el resultado de decisiones expresas de orden voluntario o intencional, son el fruto de interacciones sistémicas y de las propias lógicas de funcionamiento de sistemas sociales organizados, expertos y complejos. Allí juegan un papel mayor la informatización y la cibernética, como campos de diseño de las acciones humanas. Las mega organizaciones cada vez más se apoyan en sistemas de robots sofisticados y extendidos; estos artefactos reformulan los lugares y las nuevas relaciones trans-espaciales de las llamadas políticas organizacionales de dirección estratégica. Hoy se habla del internet entre las personas, que permite una interacción en la que digitalizamos comunicaciones y relaciones sociales, la interacción social, se trata de un mundo que pareciera eliminarlas de dinámicas como por ejemplo la laboral (Cifuentes, 2016). También se habla del internet de las cosas (Evans, 2011), esquemas de comunicación e información digitalizados que permiten que las cosas transmitan información entre ellas⁷. El internet de las cosas lleva un estadio fuerte de la robótica y genera impactos sobre la gobernanza, es decir, sobre la esfera que tradicionalmente hemos tenido los seres humanos para decidir. Rhodes (1996) mencionaba que la humanidad se dirigía hacia esquemas en los cuales los sistemas automatizados, la ciborización, la informática y la biotecnología, transformarían la gobernanza de las organizaciones complejas. En este sentido, las tareas que los seres humanos cumplimos en las organizaciones, sobre todo las de carácter mecánico, no serán decididas y realizadas por seres humanos sino por sistemas maquínicos.

REFERENCIAS

Agamben, G. (1995). *Homo Sacer*.

Aktouf, O. (1989). *Le management entre tradition et renouvellement de*

Aktouf, O. (2002). *Administración y Pedagogía*. Colombia: Editorial Universidad Eafit Andrews, K. (1968) *Introduction to the thirtieth anniversary edition of The Functions of the Executive*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Arendt, H. (1958). *The Human condition*. Chicago IL: University of Chicago press.

Argyris, C. (1957). *Personality and organization; the conflict between system and the individual*. New York: Harper & Row Barnard, C. (1956). *Organization and Management: Selected Papers*. Cambridge: Harvard University Press.

de datos que máquinas le dan a otras máquinas, son pues procesos que prácticamente, sin ninguna intervención humana.

⁶ Por lo no-humano se entendía no solo el componente mecánico, también la propia tecnología y la misma naturaleza.

⁷ Movilidad de una ciudad, sistemas de cámaras de seguridad, neveras que reportan el número de los productos y la necesidad de ellos, que producen información que va no solamente a ojos humanos sino a centros de mando con sistemas computarizados que integran, parametrizan y también actúan en función de datos que máquinas le dan a otras máquinas, son pues procesos que prácticamente, sin ninguna intervención humana.

- Barnard, C. (1938). *The functions of the executive*. Cambridge: Harvard
- Benjamin, W. (1999). *Para una crítica de la violencia y otros ensayos: iluminaciones IV/Ilumnações IV* (No. 1 Benjamin). Taurus.
- Benjamin, W. (2001). *Tesis de filosofía de la historia*. Etcétera.
- Buchanan, J. M., & Tullock, G. (1962). *The calculus of consent* (Vol. 3). Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Calvo, D. (2017). *Conversación personal con el autor*. Enero de 2017.
- Castro, S. (2010). *Historia de la gubernamentalidad. Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo en Michel Foucault*. Bogotá: Siglo del Hombre, Pontificia Universidad Javeriana- Instituto pensar, Universidad Santo Tomás de Aquino.
- Chanlat, A. (2005). *El rombo filosófico y los cuatro modos de ser. Conferencia dictada en la Universidad Eafit*. Medellín.
- Clegg, B & Birch, P. (2002). *Crash course in creativity*. London: Kogan Page.
- Coser, L. (1954). *The functions of Social Conflict*. New York: Free Press.
- Deleuze, G. y Guatari, F. (1980). "Capitalisme et Schizophrénie Mille Plateaux". Paris: Les Editions de Minuit.
- Deleuze, G. (1999). *Posdata sobre las sociedades de control*. Descartes, R. (1994). *Meditaciones metafísicas*. Panamericana Editorial.
- Dewey, J. (1884). *The new psychology*. *Andover Review*, 2, 278-289.
- Heidegger, M. (2009) *El ser y el tiempo*. (Trad. Gaos, J.) 2da. Ed. México: Fondo de Cultura Económica
- Hume, D. (1953). *Ensayos políticos*. Buenos Aires: Printower Media.
- Isla, P. (2015). *Investigación en Dirección de Organizaciones: la idea de Acción y Cognición en perspectiva. IV Coloquio internacional e sociología da Ciencia da Administração*.
Brasil: Florianópolis.
- Etzioni, A., (1961), *A comparative analysis of complex organizations*. New York: The Free Press.
- Foucault, M. (1966). *Las palabras y las cosas: una arqueología de las ciencias humanas*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores.
- Foucault, M. (1976). *Vigilar y castigar*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Foucault, M. (1980). *Microfísica del poder*. España: Ediciones de La Piqueta.
- Foucault, M. (1988). *El sujeto y el poder*. *Revista Mexicana de Sociología*, 50(3), 3 – 20.
- Foucault, M. (2004b). *Seguridad, territorio y población*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Foucault, M. (2008). *Nacimiento de la clínica: Una arqueología de la mirada médica*. Buenos Aires:

Siglo veintiuno editores.

Foucault, M. (2014). *Histoire de la folie à l'âge classique*. Editions Gallimard

Freud, S. (1914). *Tótem y tabú*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Freud, S. (2013). *La interpretación de los sueños*. Madrid: Ediciones Akal

Goffman, E. (1955). *On Face-Work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Goffman, E. (1959). *La presentación del yo en la vida cotidiana*. Madrid, Amorrortu, 2004.

Hardt, M., & Negri, A. (2004). *Multitud: guerra y democracia en la era del Imperio*. Editorial Debate.

Hegel, G. W. F. (1821) [1970]. *Filosofía de la Historia*. Editora: Zeus.

Henderson (1967) *Pareto's General Sociology: A Physiologist's Interpretation*. New York: Russell and Russell. Kant, I. (1781/1973). *Crítica de la razón pura*. Buenos Aires: Losada Especial.

Khan, R. (1981). *La violencia y el desarrollo económico y social. La Violence et ses Causes*. París. Unesco.

Lazzarato, M. (2002). *From Biopower to Biopolitics*. Pli: The Luhmann, N. (1997). *Organización y decisión. Autopoiesis, acción y entendimiento comunicativo*. España. Universidad Iberoamericana y Anthropos.

Luhmann, N. (1997). "La teoría de la sociedad". México: Triana editores – Universidad Iberoamericana.

Maturana, H., & Varela, F. (1980). *Autopoiesis and cognition: The realization of the living*. Springer Science & Business Media.

Negri, A., & Hardt, M. (2000). *Empire*. Exils Éditeurs, Paris, 1.

Negri, A. (2008). *Reflections on Empire*. Cambridge: Polity Press.

Nietzsche, F. (2018) *La voluntad de poder*. (Trad. Aníbal Froufe). Madrid: Editorial Edaf.

Pareto, V. (1917). *Traite de sociologie générale*. Vol 1. Paris: Librairie Payot.

Pareto, V. (1972). *Manual of political economy*. Oxford: Oxford University Press.

Parsons, T. (1951). *The Social System*. New York and London: The Free Press and Collier Macmillan.

Rifkin, J. (1999). *El siglo de la biotecnología: el comercio genético y el nacimiento de un mundo feliz*. Barcelona: Crítica-Marcombo.

Simon, H. (1964). *On the concept of organizational goal*. En: *Administrative Science Quarterly*, Vol. 9, No. 1, pp. 1 – 22. Nueva York: Johnson at Cornell University.

Simon, H. (1973). *Las ciencias de lo artificial*. Barcelona: El Ateneo Editorial.

Simon, H. (1979). *Rational Decision Making in 48. Business Organizations*. *American Economic Review*, 69, 493-513.

Simon, H. (1991). *Models of My Life*. Cambridge: MIT Press.

Simon, H. (1997). *Administrative behavior: A study of decision making processes in administrative organizations*. New York: The Free Press.

Sloterdijk, P. (2000) Normas para el Parque Humano, una respuesta a la Carta sobre el humanismo, Madrid, Ediciones Siruela, 2008

Sloterdijk, P. (2003). Crítica de la razón cínica (Vol. 23). Siruela.

Sloterdijk, P. (2006). El desprecio de las masas. Revista Santander, (1).

Thompson, D. (1967). *Organizations in Action*. New York: McGraw Hill.

Varela, E. (2014). Biopoder, Biopolítica y Gubernamentalidad- Referentes de interpretación y crítica del poder managerial. En III Congreso de la Red PILARES. Congreso llevado a cabo en Porto Alegre, Brasil.

Varela, E. (2015). Managerialismo - culturas de empresa y emergencia del “Hombre Managerial”. Revista Forum Doctoral. No. 6. Pp. 1-18.

Virno, P. (2003). Gramática de la multitud: para un análisis de las formas de vida contemporáneas. Ediciones Colihue SRL.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Grayce Kelly Bianconi: Bacharel em Direito pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), Administradora em Agronegócio pela Faculdade Cristo Rei (FACCREI), Graduada em Artes pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), Pedagoga pela Universidade Castelo Branco (UCB), Pós – Graduada em Gestão Escolar, Direção e Supervisão pela Universidade Castelo Branco (UCB), Pós- Graduada em Educação do Campo pela Faculdade de Pinhais (FAPI). MBA em Gestão de Pessoas pela Faculdade Cristo Rei (FACCREI) e Pós-Graduanda em Direito Agrário e do Agronegócio pela Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP). Pós-Graduanda em Direito de Família e Sucessões pela Faculdade Damásio de Jesus

João Dallamuta: Professor assistente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduação em Engenharia de Telecomunicações pela UFPR. MBA em Gestão pela FAE *Business School*, Mestre pela UEL. Doutorando em Engenharia Espacial pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Trabalha com os temas: Inteligência de Mercado, Gestão Estratégica, Gestão da Tecnologia e Inovação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 121, 124, 125, 153

Auditoria 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Auditoria financeira 79, 81

Auditoria independente 79, 80, 81, 82

C

Captura regulatória 121, 126, 127, 128, 129, 132, 134

D

Decisão 15, 24, 27, 28, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

Direitos humanos 121, 124, 125, 126, 129, 134, 135, 136

Divisão Sexual do Trabalho 107, 113, 118, 120

E

Empreendedorismo 12, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 65, 69, 73

Escuelas 94, 95, 99, 100, 101, 102, 104

G

Gestão 1, 2, 3, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 49, 56, 57, 64, 65, 67, 75, 76, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 134, 153

Gestão da informação 27, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 42, 43

Gestão de processos 14, 15, 24, 26

Gestão do conhecimento 27, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 43

Gestão pública 121, 123, 124, 126, 134

H

Habermas 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Homossexualidade 107, 114, 116, 120

I

Inovação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 24, 26, 28, 31, 42, 47, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 153

Inovação frugal 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78

Inteligência 5, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 153

L

Luhmann 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 140, 151

M

Management 2, 12, 14, 27, 28, 31, 42, 43, 45, 64, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 96, 106, 119, 122, 137, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Masculinidade hegemônica 107

N

Normas de auditoria 79, 84, 88

O

Organizacional 6, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 49, 57, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 119, 125, 137, 138, 142, 143, 147, 148

Organizaciones 42, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 137, 141, 142, 148, 149, 150

P

Padronização de processos 14, 15, 17

Perfil empreendedor 44, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 57

Pluralidad 95, 97

Poder 32, 62, 63, 106, 125, 127, 134, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 148, 150, 151, 152

Posmodernidad 102, 103, 104, 106, 137

Potencial empreendedor 44, 46, 48, 50, 52, 56, 57

R

Redução de perdas 14, 16

Relatório final 79, 80, 81, 82, 85, 86, 93

S

Sustentabilidade 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77

T

Tecnologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 33, 39, 40, 43, 68, 153

Trabalho escravo 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Triple Bottom Line 65, 67

 **Atena**
Editora

2 0 2 0